

5

Considerações Finais

“O que queremos, de fato, é que as ideias voltem a ser perigosas”

(Guy Debord)

Acreditamos que o município de Duque de Caxias configura-se como uma fronteira de acumulação para o capital. Logo, apresenta suas contradições, a partir, das relações de produção inerentes ao seu processo histórico de acumulação capitalista. Devemos considerar também que dentro do contexto de crise em que vivemos, existe uma certa redução desse processo (o capital nesse momento foca seu poder, cada vez mais intensivamente, sobre a exploração do trabalho), mas não seu cessar, pois percebemos que diversos novos empreendimentos ainda estão chegando ao município. Por isso ao analisarmos Duque de Caxias, buscamos perceber as contradições existentes ao processo de crescimento de investimentos no Município, que, em contrapartida, não se manifestaram como melhoria na vida da população.

As cidades estão, cada vez mais, sendo tratadas como mercadorias. O pensamento empresarial acaba por colonizar (através dos financiamentos de campanha e chantagens sobre os investimentos) os gestores públicos, que, por sua vez, tendem a vender as cidades em partes, de acordo com o interesse dos capitalistas. Entendemos que essa lógica empresarial gera uma (re)produção espacial desigual e segregadora, que, por sua vez, reproduz em um município grandes disparidades espaciais. O planejamento estratégico das cidades tenta, cada vez mais, apontar ou criar situações que tornem as cidades mais atrativas para os investidores.

O planejamento estratégico tem por objetivo tornar as cidades mercadorias. Esse planejamento transforma os espaços de acordo com intencionalidades, muitas vezes, de uma ordem distante [embora permaneçam articulações com a ordem próxima], dentro de estratégias de atores sociais que enxergam o planejamento como uma possibilidade de aumentarem seus lucros. Mesmo que acabe gerando uma desigual (re)produção espacial, que impede a plena realização do direito à cidade, do direito à vida.

Entendemos que o direito à cidade, mesmo ausente, tem sua presença, justamente, na negação deste modo de pensar a cidade. Esse empresariamento

se apresenta como uma grande ameaça a todos os direitos sociais conquistados historicamente. O planejamento visa colocar as pessoas como meros espectadores, consumidores da cidade - um cotidiano programado através de uma sociedade burocrática de consumo dirigido. Lefebvre (1991) nos lembra que o direito à cidade será conquistado se o cidadão que é visto apenas como um consumidor passivo da cidade, consiga romper com as representações impostas. O direito à cidade se realiza através das possibilidades de apropriação dos espaços pela e para a vida em sua plenitude.

A participação da população na construção da cidade ocorre de modo simbólico. Essa não-participação é o que a afasta do direito à cidade e permite esse planejamento que segrega. Acreditamos que uma certa geografia em ato (aquela que captura o desvendamento das contradições de que se cercam as práticas sociais) é o que irá subverter essa lógica, buscando criar a humanidade que é negada pela realização do capital através dos planejamentos estratégicos. Uma geografia em ato é o que irá dar condições da construção de novas relações sociais, que visem uma cidade para a vida e não apenas para os negócios.

Consideramos que a Geografia é a ciência de suma importância para a análise dessas relações. Pois, o real tem sua construção através das relações sociais que acreditamos serem relações espaciais. Na busca de entendermos o real, cremos que é necessário partir do vivido em suas múltiplas dimensões. Concordamos com Lefebvre (1994) quando afirma que o espaço é ao mesmo tempo produto e produtor. Produto, pois, é socialmente produzido através das ações de atores tanto de nível local, como global e é produtor pois, também é condição para novas ações.

Acreditamos que uma ação, em qualquer escala que seja, pode gerar consequências sobre as outras. O capitalismo, historicamente, foge de suas crises produzindo novos espaços. Ou seja, abrindo novas fronteiras em diferentes escalas. Harvey (2016), reforça afirmando que o capital, enquanto motor que dá vida ao capitalismo, alcança novas áreas onde pode ser realizado e ampliado, ou seja, criando novas fronteiras.

Consideramos que para uma melhor análise dessas relações espaciais precisamos partir do cotidiano, pois é nele que se manifestam os conflitos. Estes, naturalmente ligados ao conceito de fronteira, que, de maneira recorrente, se desenvolvem disfarçados. Na tentativa de desvendar esses conflitos é necessário mergulhar nesses momentos, onde a produção social do espaço ocorre em ato. Lugar onde as contradições existentes ao processo se manifestam com maior intensidade.

Acreditamos que a pesquisa demonstrou à luta por uma verdadeira participação popular, ensaios de um real poder popular. Um poder que visa desconstruir as atuais grafias impostas a sociedade dominada pelo processo de acumulação capitalista, buscando criar novas grafias no município de Duque de Caxias. Lutando às sombras¹, (pois usamos de táticas) do Estado, o principal instrumento de dominação dos capitalistas. Concordamos com Certeau (2001) quando diz que as táticas são movimentos dentro do espaço controlado pelo outro (antagonistas). “São maneiras de utilizar uma ordem imposta, de jogar e desfazer o jogo do outro” (2001, p.93). Por isso, lutamos tanto por dentro, como por fora do Estado. Mas, sempre contra o Estado, que é um dos instrumentos de poder dos capitalistas.

Creemos na necessidade de uma Geografia que se rebele. Que vá de encontro com a Geografia Tradicional. Necessitamos criar novas grafias, novas práticas espaciais. Concordamos com Goncalves (2006, p.119), diz que “Os geógrafos não resistem à tentação de se tornarem tecnocratas, consultores ou demiurgos da verdade; mas, ventrículos do poder, reproduzem o discurso deste”. Este autor nos levanta a pergunta: Para quem serve à Geografia? Acreditamos que essa ciência deva servir aos grupos mais oprimidos. Que deva servir na busca de uma real democracia, de uma real participação popular. Uma ciência dos mais fracos, dos ninguéns². Creemos que o mundo se faz a partir das práticas sociais que criam grafias, as pessoas também se fazem a partir dessas grafias. Por isso, devemos pensar novas práticas sociais.

Acreditamos em uma geografia que segundo Goncalves (2006, p 119), “deve por princípio apagar os holofotes do poder, jogar com astúcia, omitir, errar e não contar a “verdade” (ideológica), mas nem por isso deixar de produzir conhecimento, uma outra verdade, mais sincera, talvez, mais *verdadeira*, por assim dizer”. Podemos falar da criação de novas grafias no espaço. Concordamos que essa Geografia é possível através de novas formas de pesquisa, uma pesquisa participante, uma pesquisa da ação. Uma ciência voltada aos movimentos sociais, que pense em novas táticas relacionadas a experiência urbana. Criando, talvez, uma “Geografia das resistências”, uma “Geografia da ação”.

O planejamento urbano (não a toa agora chamado de planejamento estratégico), produz espaços a partir da vista aérea. Concordamos com Lefebvre

¹ Termo utilizado nos quadrinhos que originaram o filme 300. A tropa espartana, que na história de ficção contava com apenas 300 soldados, lutava contra o Império Persa. Ao ser questionado sobre o poderio militar incomparável do inimigo, o Rei Leônidas afirma que, então, lutarão às sombras.

² Referente ao poema do escritor Eduardo Galleano.

(1993) que “com o advento da lógica cartesiana, o espaço penetrou no domínio do absoluto..., o espaço veio a dominar, por meio de sua contenção, todos os sentidos e todos os corpos”. A cartografia, por sua vez, acaba servido, em muitos momentos, como estratégia de controle do espaço. Serve para identificar, classificar, vigiar. Para manter a ordem vigente. Os mapas acabam sendo utilizados para estratégias de poder. Modificam a realidade através de uma determinada racionalidade e intencionalidade. Mas, que tem sua importância, inclusive sendo utilizada na pesquisa, com a intenção de entendermos dados quantificados do Município de Duque de Caxias. Isso ajuda na compreensão da realidade, o que não podemos, é ficarmos restritos à elas.

O que queremos transmitir não cabe nessa cartografia, pois ela não expressa as relações, não expressa as experiências do corpo. No capítulo três buscamos fazer uma cartografia de cunho qualitativo, que tem seu início através das caminhadas, pelo centro do primeiro distrito do município. Foi caminhando que conheci o FORAS. E em outras andanças, me deparei com ocasiões que levei ao FORAS e que acabaram se tornando lutas encampadas por nós. Mais do que caminhar, é necessário praticar à cidade.

Certeau corrobora dizendo que:

Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (“dobre à direita”, “siga à esquerda”), esboço de um relato cuja seqüência é escrita pelos passos, até ao “notiário” de cada dia (“Adivinha quem eu encontrei na padaria?”), ao “jornal” televisionado (“Teherã: Khomeiny sempre mais isolado...”), aos contos lendários (as Gatas Borracheiras nas choupanas) e às histórias contadas (lembranças e romances de países estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos). Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para lugares comuns de uma ordem, não constituem “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-lo para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam (2001, p. 200). APUD Gonçalves (CERTEAU, 2006, p. 124).

O praticante da cidade, não vê a cidade por cima, não vê a partir da visão de um mapa, mas a experimenta por dentro. Por isso, é necessário criar nossa própria cartografia, a partir de nossas próprias experiências. Se utilizando de narrativas para expor as experiências corporais, que tendem ir além das cartografias censitárias, quantitativas e estatísticas, mas sem desprezá-las.

Concordamos com Gonçalves (2006) quando expressa que:

“Nesta cartografia, os acidentes geográficos são metáforas: os rios podem ser os fluxos; a vegetação, a demografia; e os relevos, os momentos: a planície, o equilíbrio, os picos, o momento crítico. Também seus protagonistas são pessoas comuns, simplórias até, mas que demonstram um saber ou uma arte, residual, própria das maneiras de fazer. A vida cotidiana assim se revela, ao mesmo tempo, irreduzível e também um nível em que se realizam estas práticas (GONÇALVEZ, 2006, p. 125).

Partimos da premissa de que corpo e cidade se relacionam, mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana. Além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos. Uma cartografia corporificada que seria o registro de experiências corporais da cidade que ficam inscritas no corpo de quem as experimenta. Que para nossos antagonistas passam despercebidas, mas ao relatarmos o vivido, nossas lutas e experiências, criamos registros que podem servir para futuras lutas.

Nossas experiências, de praticantes da cidade, não podem ser esquecidas com o passar do tempo. Elas se tornam manuais de táticas (mesmo que as táticas tenham em sua essência a imprevisibilidade). Manuais esses que podemos chamar de cartografias ativas, cartografias da ação. Uma cartografia que incluísse as práticas dos homens lentos de Milton Santos (2002). Essa cartografia, deverá servir na busca da real democracia, com participação popular efetiva. Assim, produzindo novas grafias³ no espaço, uma nova realidade corporificada.

Não podemos nos esgotar nessas considerações finais. Esse debate precisa se aprofundar, cada vez mais. Precisamos estimular uma nova prática geográfica, que subverta sua definição formal, apenas como descrição da Terra, pensar uma Geografia vinculada a prática social. Uma Geografia que se debruce sobre as grafias (marcas) da Terra, as marcas do FORAS em Duque de Caxias. Através dessas grafias vinculadas a prática social é que acreditamos ser possível pensar essa relação de sujeito e objeto, a produção do espaço em ato a partir da pesquisa participante. Uma geografia que atue não para reproduzir o poder vigente, mas que vá de encontro a ele. Como nos lembra o geógrafo Carlos Walter (2002, p.247) “mais do que geografia, estamos diante de geo-grafias, enfim, do desafio de geo-grafar nossas vidas, nosso planeta”.

Tive como objeto mostrar essas grafias do FORAS, subvertendo uma lógica formal, a partir de uma perspectiva dialética, aprendendo essas

³ A contração termo é derivada dos radicais gregos *geo* = "Terra" + *grafia* = "escrita". Mas não é dessa geografia que falamos. Acreditamos que a palavra grafia está vinculada as marcas. Quando escrevemos em um caderno ou grafitamos um muro deixamos nossas marcas neles. O ato de geo-grafar, seria justamente o de marcar a Terra.

contradições que se põe entre a sociedade civil em organização. Na busca pela renovação da pauta humanista, através de um sujeito corporificado, às vezes, chamado por Ana Clara Torres Ribeiro de Corpo-Sujeito. É necessário a emergência de um humanismo presentificado, que para Certeau, é um humanismo praticado e para Milton Santos, o humanismo concreto.